XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

ACOLHIMENTO E CUIDADO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DIGITAL: DESAFIOS PARA OS PROFISSIONAIS DO SUS

Bruno Santana da Silva[1]
Hemely Carola Oliveira Dias [2]
Livia de Sousa Santos [3]
Maria Clara de Souza Teixeira[4]
Erick Victor Marques Moreira Andrade [5]
Laís Silva dos Santos[6]

Introdução

A expansão das tecnologias digitais e a ampliação do acesso à internet têm reconfigurado as formas de comunicação e interação social, favorecendo novas possibilidades de relacionamento, mas também criando espaços para a ocorrência e a disseminação de diferentes formas de violência. Nesse contexto, práticas como cyberbullying, assédio virtual, divulgação não consentida de imagens íntimas e *cyberstalking* constituem manifestações de violência mediadas pelas tecnologias digitais, cujas repercussões podem ultrapassar o ambiente virtual e alcançar as dimensões física, psicológica e social da vida das vítimas (Rivelli, 2025; Kaur *et al*., 2021).

Diante desse cenário, o enfrentamento da violência digital demanda respostas que ultrapassem as dimensões tecnológica e jurídica, incluindo ações de cuidado e proteção no âmbito da saúde. O Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente por meio da Atenção Primária à Saúde (APS), pode constituir uma importante porta de entrada das vítimas na rede de apoio institucional, favorecendo o acolhimento e a oferta de cuidado integral. Entretanto, as especificidades dessas ocorrências podem representar desafios para os profissionais, particularmente quanto ao reconhecimento das situações, à abordagem qualificada, à avaliação das necessidades de saúde e à articulação com os demais serviços da rede (Rivelli, 2025).

[1]Acadêmico do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas campus de Valença-Bahia. E-mail: jbsantana130@gmail.com
[2]Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas campus de Valença-Bahia. E-mail: hemely.dias.valenca@uniatenas.com
[3]Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas campus de Valença-Bahia. E-mail: liviaatenas2026@gmail.com
[4]Acadêmica do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas campus de Valença-Bahia. E-mail: maria.teixeira.valenca@uniatenas.edu.br
[5]Acadêmico do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas campus de Valença-Bahia. E-mail: erickvictormarquesandrade@gmail.com
[6]Enfermeira. Mestra em Ciências da Saúde. Docente no curso de Graduação em Medicina da Faculdade Atenas. E-mail: lais.silva.professor@uniatenas.edu.br

Nesse sentido, torna-se relevante discutir os desafios enfrentados pelos profissionais do SUS no acolhimento e cuidado às vítimas de violência digital, considerando a necessidade de uma atuação integrada entre os serviços de saúde, a rede de atenção psicossocial e os equipamentos de proteção social

Objetivo

Analisar os desafios enfrentados pelos profissionais do Sistema Único de Saúde no acolhimento e cuidado às vítimas de violência digital.

Métodos

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico, acerca da violência digital e dos desafios relacionados à atuação dos profissionais do SUS no acolhimento e cuidado às vítimas. A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados e fontes documentais, incluindo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google Acadêmico e repositórios institucionais, complementada pela consulta a documentos oficiais do Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OMS), legislações pertinentes, normas técnicas e portarias relacionadas à atenção e à notificação das situações de violência.

Foram consideradas publicações entre 2022 e 2026, nos idiomas português, inglês e espanhol, relacionadas à violência digital, suas repercussões à saúde e à atuação dos serviços e profissionais do SUS. A estratégia de busca utilizou Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), associados a palavras-chave e termos correlatos, incluindo “Violência Digital”, “Acolhimento”, “Sistema Único de Saúde”, “Profissionais de saúde” e “Cyberbullying”, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR e adaptados conforme a base de dados consultada.

Foram incluídos artigos científicos e documentos técnico-normativos que apresentassem relação direta com o objeto de estudo e contribuíssem para a compreensão das repercussões da violência digital, do acolhimento e do cuidado às vítimas no âmbito do SUS. Foram excluídas publicações duplicadas, textos de opinião sem fundamentação científica, estudos sem relação direta com a temática e materiais cujo texto completo não estivesse disponível.

A seleção ocorreu mediante leitura dos títulos e resumos, seguida da análise dos textos na íntegra considerados pertinentes ao objetivo da revisão. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade e leitura dos textos, foram selecionadas seis publicações para análise. Posteriormente, as informações foram organizadas e analisadas de forma interpretativa

Resultados e Discussão

No presente estudo, foram analisadas publicações que abordaram a violência digital, suas repercussões à saúde e, principalmente, os desafios relacionados à atuação dos profissionais do SUS no acolhimento e cuidado às vítimas. Os achados evidenciaram dificuldades relacionadas ao reconhecimento das situações de violência, à abordagem das vítimas, à ausência de instrumentos e protocolos específicos, à insegurança profissional e à articulação com os demais serviços da rede de atenção.

A violência digital manifesta-se de diferentes formas, incluindo *cyberbullying* e divulgação não consentida de imagens íntimas, podendo produzir repercussões físicas, psicológicas e sociais. Nesse contexto, Rivelli (2025) destaca impactos relacionados à saúde e ao bem-estar das vítimas, com manifestações como ansiedade, depressão e alterações do sono. Em consonância com esses achados, Li *et al*. (2022) identificaram associação entre a vitimização por *cyberbullying* e problemas de saúde mental, incluindo depressão, ideação suicida, tentativas de suicídio e autolesão. Corroborando com essa perspectiva, Morales-Arjona

et al. (2024), por sua vez, encontraram associação entre cyberbullying e comportamentos suicidas e autolesivos em estudos longitudinais. A diversidade das repercussões demonstra a complexidade das situações atendidas pelos serviços de saúde e amplia as demandas colocadas aos profissionais.

Entre os principais desafios identificados, destaca-se a dificuldade de reconhecimento da violência digital durante o atendimento em saúde. Os autores Straw e Tanczer (2023) apontam que a violência facilitada pela tecnologia pode permanecer invisível no contexto clínico quando os profissionais não dispõem de instrumentos adequados para sua identificação. Essa característica constitui uma limitação para a abordagem dos casos, sobretudo quando a vítima não relata espontaneamente a situação vivenciada. Nesse contexto, a identificação de sinais indiretos e a investigação qualificada tornam-se aspectos relevantes, mas podem ser dificultados pela ausência de estratégias assistenciais específicas.

Outro desafio refere-se à insuficiência de protocolos e diretrizes para orientar a conduta profissional. Os estudos analisados indicam que a violência digital apresenta particularidades que demandam orientações específicas para seu manejo nos serviços de saúde (Straw; Tanczer, 2023; Silva *et al*, 2026). Segundo Silva *et al*. (2026), os profissionais podem apresentar insegurança diante dessas situações, especialmente em relação às condutas a serem adotadas. A ausência de diretrizes claras pode dificultar a tomada de decisão, o encaminhamento adequado e a articulação com outros pontos da rede de atenção e proteção.

Também foram identificadas limitações relacionadas ao registro das informações e à preservação de possíveis vestígios. Conforme Silva *et al*. (2026), o manejo da violência digital envolve aspectos específicos relacionados à coleta e ao registro das informações, enquanto a ausência de orientações institucionais pode dificultar a condução desses procedimentos. Dessa forma, além de reconhecer a situação de violência, o profissional precisa lidar com demandas que ultrapassam o atendimento clínico imediato, exigindo articulação entre diferentes serviços e setores.

A abordagem da vítima constitui outro desafio, especialmente diante do risco de revitimização. Nessa perspectiva, ressalta-se a necessidade de acolhimento humanizado, escuta qualificada, respeito à autonomia e à privacidade, uma vez que condutas inadequadas podem contribuir para o agravamento dos danos emocionais. Nesse sentido, a dificuldade não está apenas em identificar a violência, mas também em estabelecer uma abordagem que considere as repercussões da experiência vivenciada e evite práticas que possam gerar novas situações de sofrimento (Silva *et al*., 2026).

A APS, enquanto porta de entrada preferencial do SUS, apresenta-se como um espaço relevante para identificação e acompanhamento das vítimas, além de possibilitar articulação com os demais serviços da Rede de Atenção à Saúde (RAS) e com órgãos intersetoriais (Brasil, 2017). Entretanto, a efetividade dessa articulação depende da existência de fluxos definidos e de profissionais preparados para reconhecer as demandas relacionadas à violência digital. Assim, a fragmentação da assistência e a necessidade de articulação intersetorial também configuram desafios para a continuidade do cuidado.

Embora Rivelli (2025) destaque avanços no arcabouço legal brasileiro relacionado à proteção da dignidade humana no ambiente digital, os estudos analisados apontam que permanecem lacunas no campo da saúde, particularmente quanto à organização da assistência e à preparação dos profissionais para lidar com essas situações. Nesse sentido, o desafio para o SUS não se limita ao reconhecimento da violência digital como um problema contemporâneo, mas envolve a construção de respostas assistenciais capazes de contemplar suas especificidades (Rivelli, 2025; Straw; Tanczer, 2023; Silva *et al*., 2026).

Dessa forma, os resultados indicam que os desafios enfrentados pelos profissionais do SUS concentram-se principalmente na identificação da violência digital, na ausência de protocolos e instrumentos específicos, na insegurança para condução dos casos, nas

dificuldades de registro e preservação de informações, no risco de revitimização e na articulação com os diferentes serviços da rede. Esses aspectos evidenciam a necessidade de estratégias assistenciais específicas e de capacitação profissional para qualificar o manejo dessas situações, favorecendo uma resposta integrada e adequada às necessidades das vítimas.

Conclusão

Conclui-se que a violência digital constitui uma demanda emergente para os serviços de saúde, impondo desafios à organização e à condução do cuidado no SUS. A complexidade das situações vivenciadas pelas vítimas e a possibilidade de manifestações pouco perceptíveis durante o atendimento exigem dos profissionais capacidade para reconhecer diferentes expressões dessa violência e compreender suas repercussões para além da dimensão clínica imediata. Nesse contexto, a resposta assistencial não depende exclusivamente da atuação individual, mas também das condições institucionais disponíveis para orientar e sustentar o manejo dos casos, considerando as especificidades dessa forma de violência e suas repercussões no processo de cuidado.

Portanto, o enfrentamento da violência digital no âmbito do SUS requer o fortalecimento dos processos formativos e assistenciais, associado à organização de fluxos de atendimento e à articulação entre os diferentes pontos da rede e setores de proteção. A incorporação dessa temática aos processos de trabalho pode favorecer maior segurança na condução dos casos, continuidade do acompanhamento e respostas mais integradas às necessidades das vítimas. Nesse sentido, o aprimoramento da capacidade institucional dos serviços, articulando qualificação profissional, organização assistencial e atuação intersetorial, mostra-se fundamental para fortalecer a integralidade do cuidado e qualificar a resposta do SUS diante das demandas relacionadas à violência digital e contribuir para o enfrentamento dos desafios vivenciados pelos profissionais no cotidiano dos serviços.

Descritores: Profissionais de Saúde. Sistema Único de Saúde. Atenção Primária à Saúde. Acolhimento.

Referências

BRASIL. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

KAUR, Puneet *et al*. A systematic literature review on cyberstalking: an analysis of past achievements and future promises. **Technological Forecasting and Social Change**, [*s. l.*], v. 163, 2021.

LI, Chao *et al*. Traditional bullying and cyberbullying in the digital age and its associated mental health problems in children and adolescents: a meta-analysis. **European Child & Adolescent Psychiatry**, [*s. l.*], 2022.

MORALES-ARJONA, Irene *et al*. Cyberbullying and suicidal behavior, self-harm, and nonsuicidal self-injury: a systematic review of longitudinal studies. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, [*s. l.*], v. 27, n. 10, p. 683-691, 2024.

SILVA, Maria Clara Pereira *et al*. Enfermagem forense frente à violência digital: desafios e possibilidades no cuidado às vítimas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [*s. l.*], v. 12, n. 5, p. 1-14, 2026.

STRAW, Isabel; TANCZER, Leonie. Safeguarding patients from technology-facilitated abuse in clinical settings: a narrative review. **PLOS Digital Health**, [*s. l.*], v. 2, n. 1, 2023.

RIVELLI, Fabio. A violência digital e seus efeitos nas vítimas: desafios contemporâneos e perspectiva do ser humano digital. **Revista Internacional de Vitimologia e Justiça Restaurativa**, [*s. l.*], v. 3, n. 1, 2025.

Utilização da Inteligência Artificial Generativa: Não se aplica.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.